

Jezulino Lúcio Mendes Braga

Museologia/UFMG

jezulinolmb@eci.ufmg.br

MEMÓRIAS DA CIDADE COLORIDA: A IMPRENSA GAY EM BELO HORIZONTE NO ACERVO ESPECIAL LGBT+ CINTURA FINA

Resumo

Este artigo analisa um conjunto de periódicos relacionados à imprensa gay produzida em Belo Horizonte entre o final dos anos 1990 e o início dos anos 2000, reunidos no Acervo Especial LGBT+ Cintura Fina, incorporado à Biblioteca da Fafich/UFMG. Com base em uma abordagem que compreende a imprensa como produto cultural situado historicamente, discutem-se as estratégias comunicacionais, estéticas e políticas de publicações como *Expressão GLS*, *Jornal Informativo do Clube Rainbow de Serviços*, *Ego BH* e *Young Bee*. O estudo evidencia como esses impressos atuaram simultaneamente como referenciais de sociabilidade, afirmação identitária, disputa simbólica e circulação de pautas políticas vinculadas à “comunidade gay” da época. A análise insere essas publicações no percurso mais amplo da imprensa gay no Brasil. Por fim, o texto enfatiza a relevância da preservação do acervo e aponta que a pesquisa se encontra em andamento, integrando um projeto mais amplo sobre imprensa e memória LGBTQIA+ em Belo Horizonte.

Palavras-chave: imprensa gay; memória; acervos.

MEMORIES OF THE COLORFUL CITY: GAY PRESS IN BELO HORIZONTE IN THE CINTURA FINA SPECIAL_COLLECTION LGBT+

Abstract

This article analyzes the gay press produced in Belo Horizonte between the late 1990s and early 2000s, based on the Cintura Fina Special Collection LGBT+ held at the Fafich/UFMG Library. Grounded in an approach that understands the press as a historically situated cultural product, the study examines the communicational, aesthetic, and political strategies of publications such as *Expressão GLS*, *Jornal Informativo do Clube Rainbow de Serviços*, *Ego BH*, and *Young Bee*. The analysis reveals how these periodicals simultaneously functioned as spaces of sociability, identity affirmation, symbolic dispute, and circulation of political agendas linked to the gay community of the time. These publications are situated within the broader trajectory of gay press in Brazil. Finally, the article highlights the importance of preserving this documentary collection and notes that the study is part of an ongoing, larger research project on LGBTQIA+ press and memory in Belo Horizonte.

Keywords: gay press; memory; archives.

INTRODUÇÃO

O texto que segue analisa a presença e as contribuições da imprensa gay¹ em Belo Horizonte, a partir do Acervo Especial LGBTQ+ Cintura Fina, localizado na Biblioteca da Fafich da Universidade Federal de Minas Gerais. Esse acervo, doado pelo pesquisador Luiz Morando ao Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBTQ (NUH), reúne uma variedade de documentos, fotos e livros que foram fundamentais para o registro da história e da resistência da comunidade LGBTQIA+ na capital mineira. Parte desse material foi utilizado na exposição *Imprensa à cores*, realizada em 2022, que destacou o universo cultural das pessoas LGBTQIA+ entre os anos de 1990 e 2001.

A exposição *Imprensa à cores: bastidores da resistência* revelou panfletos, revistas, cartazes e outros impressos que divulgavam os locais de sociabilidade LGBTQIA+ em Belo Horizonte, assim como materiais de conscientização sobre saúde e direitos, evidenciando a luta contra o preconceito e as infecções sexualmente transmissíveis². Este texto é resultado de um projeto de pesquisa³, ainda em desenvolvimento, que busca aprofundar a análise dessa documentação e investigar como a imprensa independente e os impressos produzidos pela comunidade desempenharam um papel crucial na visibilidade cultural e na luta pelos direitos dessa população.

A pesquisa se propõe a explorar as estratégias comunicacionais adotadas por esses veículos de comunicação, focando nas disputas narrativas, nos símbolos e na linguagem usados para construir e visibilizar a cultura gay em um contexto de redemocratização.

A análise do acervo de imprensa gay está sendo guiada por uma abordagem metodológica fundamentada em referências-chave do campo da Museologia e da História, em uma análise crítica da imprensa enquanto fenômeno histórico e cultural, destacando a necessidade de considerar os jornais e as publicações não apenas como fontes documentais, mas como produtos de um contexto social e

¹ O uso do termo “gay” e da sigla_ “GLS” ao longo do texto corresponde ao vocabulário empregado nos materiais analisados e ao contexto histórico de sua produção. Reconheço as transformações posteriores na compreensão das identidades e das nomenclaturas que compõem a sigla LGBTQIAPN+, adotada atualmente de forma mais ampla e inclusiva.

² Cf. Exposição na Biblioteca da ECI traz recortes da imprensa independente sobre a comunidade LGBTQIA+. Sistema de Bibliotecas da UFMG, 21 nov. 2022. Disponível em: https://www.bu.ufmg.br/bu_atual/noticias/exposicao-na-biblioteca-da-eci-traz-recortes-da-imprensa-independente-sobre-a-comunidade-lgbtqia/.

³ A pesquisa foi financiada pela FAPEMIG por meio de bolsas de iniciação científica. Agradecimento aos meus bolsistas Evandro José Faria Júnior e Maria Moreira Rodrigues.

político, com um papel ativo na formação da identidade e memória coletiva (Weber, 2012).

A partir dessa perspectiva, a pesquisa buscará investigar as narrativas produzidas pelos veículos de comunicação gay de Belo Horizonte, focando em como esses periódicos criaram espaços de visibilidade para a comunidade. Considerando a abordagem proposta por Weber (2012), serão analisados aspectos como os tipos de discurso, as representações simbólicas e as estratégias comunicacionais adotadas pelos jornalistas e pela própria comunidade.

No contexto das sexualidades dissidentes, isso inclui desvelar como práticas e identidades homoeróticas foram representadas, discutidas e por vezes silenciadas na imprensa ao longo do tempo. Esse tipo de análise não apenas amplia a compreensão histórica, mas também desafia os paradigmas tradicionais ao incluir vozes marginalizadas.

Ao consultar o Acervo Especial LGBTQ+ Cintura Fina, a pesquisa contextualiza os periódicos dentro do momento histórico em que foram produzidos, identificando como eles se inserem nas disputas mais amplas sobre os direitos, a visibilidade social e as mudanças legislativas que impactaram a comunidade. A partir disso, será possível mapear não apenas os temas abordados, mas também os modos de resistência e as formas de enunciação presentes nos impressos.

É importante ressaltar que o *corpus* examinado neste artigo compõe apenas uma parte do conjunto mais amplo de periódicos, boletins e publicações independentes que circularam em Minas Gerais naquele período. A existência desses e de outros materiais ainda por investigar confirma que estamos diante de um campo vasto e multifacetado, que exige análises contínuas e aprofundadas. Assim, este texto integra uma pesquisa em andamento, cujos desdobramentos futuros buscarão ampliar o mapeamento, compreender as redes de sociabilidade envolvidas e explorar as disputas internas que marcaram a constituição do que então se denominava “comunidade GLS” em Belo Horizonte.

É importante realçar que a sigla GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes) não deve ser compreendida como sinônimo de “gay”, mas como uma categoria histórica específica, vinculada à ampliação de espaços de convivência e, sobretudo, à emergência de um segmento de mercado voltado a públicos dissidentes da heteronormatividade. Nesse contexto, a difusão da sigla esteve associada à constituição de circuitos urbanos de sociabilidade e lazer distinguidos pela segmentação e pelo consumo, configurando não apenas formas de identificação, mas também modos de pertencimento mediados por práticas e espaços específicos. Assim, sua adoção expressa estratégias de legitimação

social e inserção em determinados circuitos urbanos, explicitando as articulações entre identidade, visibilidade e mercado (França, 2012).

Em uma perspectiva socio-histórica, a expressão “comunidade gay” utilizada neste texto, não se refere a um grupo homogêneo ou previamente constituído, mas a uma formação social construída ao longo do tempo por meio de redes de sociabilidade, práticas culturais, espaços de encontro e formas compartilhadas de identificação. Trata-se de um processo relacional delineado por disputas internas, diferenciações de classe, raça, gênero e geração, e pela articulação entre experiências de marginalização, estratégias de visibilidade e formas de organização coletiva. Nesse sentido, a ideia de comunidade não designa apenas indivíduos que compartilham formas de desejo e identificação entre pessoas do mesmo sexo, mas um campo social historicamente situado.

IMPrensa GAY NO BRASIL

A compreensão da imprensa gay no Brasil exige recuperar os contextos sociais, políticos e culturais que moldaram as formas de visibilidade pública das sexualidades dissidentes ao longo do tempo. Antes mesmo da consolidação de movimentos organizados e de pautas políticas estruturadas, periódicos artesanais, colunas sociais alternativas e pequenos jornais circularam em espaços de sociabilidade e comunicação para homens homossexuais em diferentes regiões do país. Esses impressos funcionaram como importantes mediadores de identidades e disputas simbólicas que hoje constituem fontes históricas fundamentais.

O jornal *Snob*, por exemplo, criado na década de 1960 no Rio de Janeiro por Agildo Guimarães, é considerado um marco importante na história dessa imprensa no Brasil. Produzido de forma independente e com circulação restrita, o periódico articulava redes de sociabilidade entre homens homossexuais, funcionando como um espaço de troca de correspondências, divulgação de encontros e afirmação de códigos compartilhados, em um contexto marcado pela estigmatização e pela invisibilidade social. Conforme analisa James N. Green (2019), publicações como o *Snob* desempenharam papel fundamental na constituição de formas de comunicação e reconhecimento entre homossexuais no Brasil urbano, contribuindo para a formação de uma esfera social própria, ainda que limitada e frequentemente circunscrita a circuitos discretos e informais. Ao todo, foram editados 99 números do *Snob*, que hoje constituem documentos fundamentais para a pesquisa sobre gênero e sexualidade, bem como sobre as controvérsias morais e políticas do período, permitindo compreender

tanto as estratégias de sociabilidade quanto as tensões e os limites impostos a essas experiências no contexto brasileiro (Péret, 2011; Green, 2019).

A publicação surgiu em um contexto de repressão social e sexual, sendo um dos primeiros jornais explicitamente voltados para o público gay, com uma abordagem mais descontraída e sem a formalidade de outros meios de comunicação da época.

Ao focar em fofocas sobre relacionamentos, festas e concursos, o jornal se consolidou como um importante espaço de sociabilidade para uma comunidade marginalizada, oferecendo não apenas informações, mas também um meio de circulação de códigos, referências e experiências compartilhadas entre seus leitores. Nesse sentido, mais do que fornecer uma identidade como um produto acabado, o periódico atuava como um espaço de expressão e reconhecimento, no qual identidades eram construídas relacionalmente, de forma contextualizada e em constante processo de negociação. A linguagem adotada pelo *Snob*, com o uso de termos como “bichas” e “bofes”, salienta esse caráter ao espelhar e, ao mesmo tempo, participar da constituição de uma subcultura específica, reconhecida por hierarquias, classificações e disputas internas em torno da homossexualidade masculina, abordadas com um tom irreverente e pouco convencional para o contexto social da época (Green, 2019; Costa, 2010).

Editado pela misteriosa Gilka Dantas – na realidade, pseudônimo adotado por Agildo Guimarães –, *O Snob* conseguiu criar uma significativa rede de distribuição. Mantinha contato com grupos de outras cidades brasileiras, firmando-se como o principal meio de expressão da homossexualidade e da efervescente cultura gay que emergia no país. Os leitores tinham acesso a assuntos de cultura e moda e encontravam na publicação um espaço no qual se sentiam representados (Péret, 2011, p. 20).

Os encontros festivos promovidos pelos grupos criavam um ambiente próprio de reconhecimento e pertença, funcionando como um refúgio diante das dificuldades impostas pela sociedade em geral. Nesse espaço, os participantes fortaleceram suas relações ao redor de uma identidade socialmente marcada pelo estigma, que carregava conotações negativas e limitava as oportunidades de integração. A maior parte desses indivíduos construía suas identidades partindo da convicção de pertencer ao “terceiro sexo”⁴, conceito distinto da compreensão contemporânea da homossexualidade, que a enquadra

⁴ A expressão “terceiro sexo”, comum nos discursos médicos e jurídico do final do século XIX e início do XX, designava pessoas que não se enquadravam nas normas de masculinidade e feminilidade, sendo frequentemente associada à homossexualidade masculina. De caráter classificatório e patologizante, o termo enquadrava esses sujeitos como uma “inversão” sexual, anterior à consolidação de categorias identitárias politizadas.

dentro de uma lógica de simetria entre pares. A partir de 1965, iniciou-se uma disputa pela definição hegemônica da representação, determinada tanto pela entrada de novos integrantes na rede quanto pela redefinição das identidades de participantes antigos (Costa, 2010).

Embora não houvesse no Brasil um movimento organizado de pessoas com sexualidades dissidentes na década de 1960, dois grupos associativos são expoentes no Rio de Janeiro: a Turma OK e o Noturnos do Subúrbio. Em um contexto caracterizado pela invisibilidade, pela repressão moral e pelo estigma social em relação às sexualidades dissidentes, esses espaços não tinham demandas políticas claramente formuladas. Ainda assim, cumpriam um papel crucial ao possibilitar encontros, trocas de experiências e construção de vínculos entre homens gays, oferecendo uma forma de resistência silenciosa e de afirmação de identidades frequentemente marginalizadas e criminalizadas (Faour, 2025).

Esses periódicos costumam seguir o modelo das antigas colunas de fofocas ou sociais, que, como aponta Marques de Melo (2003, p. 141), tinham como foco principal a vida da burguesia. No entanto, nessas revistas e nos boletins produzidos por grupos homossexuais, o centro das narrativas não era a elite, mas sim os próprios membros das diferentes “turmas”. Esses materiais divulgavam comentários, relatos e rumores sobre participantes de seus círculos, ou de grupos concorrentes, destacando atitudes consideradas adequadas ou inadequadas de acordo com normas e expectativas internas de cada coletivo (Faour, 2025).

Na década de 1970, durante o período da ditadura militar, em meio a uma conjuntura de censura e repressão, a imprensa gay começou a ganhar outra forma. Um marco importante foi o jornal *Lampião da Esquina* (1978-1981), que trata de temas relacionados à sexualidade, política e cultura com um tom provocativo e crítico, contribuindo para a consolidação de um movimento mais articulado. Como aponta Quinalha (2021), a publicação enfrentou vigilância e hostilidade em um cenário de autoritarismo que buscava silenciar qualquer manifestação contrária ao modelo conservador vigente, ressaltando a coragem de dar voz a uma comunidade marginalizada.

Como realça Quinalha (2021), o *Lampião da Esquina* não apenas contestou o regime político da ditadura, mas também questionou as normas sociais dominantes. O editorial de estreia do jornal, com o título “Saindo do gueto”, apresenta um diagnóstico da conjuntura nacional e do papel do jornalismo gay em um Brasil marcado pela repressão: “Brasil, março de 1978. Ventos favoráveis sopram no rumo de uma

certa liberalização do quadro nacional [...]. Mas um jornal homossexual, para quê?” (*Lampião da Esquina*, ano 1, n. 0, p. 2, abr. 1978). Esse questionamento refletia a necessidade de visibilidade e o desejo de uma sociedade mais inclusiva, onde os homossexuais pudessem lutar por seus direitos e pelo reconhecimento de sua humanidade, como afirmou a publicação: “[...] o que LAMPIÃO reivindica em nome dessa minoria não apenas se assumir e ser aceito – o que nós queremos é resgatar essa condição que todas as sociedades construídas em bases machistas lhes negou [...]” (*Lampião da Esquina*, ano 1, n. 0, p. 2, abr. 1978).

Desde o início, a proposta do *Lampião* era, da ótica da contracultura e da imprensa alternativa do período, abordar não apenas temas gays, mas também assuntos polêmicos ligados a grupos minoritários, como o feminismo e a questão racial. Embora o jornal fosse editado e impresso no Rio de Janeiro, a equipe era composta por pessoas que moravam também em São Paulo. Uma vez por mês, o grupo se reunia para discutir as pautas (Péret, 2011, p. 49).

A participação de colaboradores de diferentes cidades, como Rio de Janeiro e São Paulo, mostra um esforço de articulação e circulação de ideias que ultrapassava o âmbito local. As reuniões mensais do grupo indicam, por fim, um processo coletivo de tomada de decisão e produção editorial, reforçando o caráter comunitário e reflexivo do jornal, que não se limitava à mera divulgação de notícias, mas buscava também fomentar o debate e o engajamento crítico entre seus leitores.

O *Jornal do Gay* surgiu em março de 1978, idealizado por um grupo de homens gays brasileiros, como um espaço de circulação de informações e reflexões sobre a realidade homossexual no país e no exterior. Em seu expediente, o periódico se definia como um “noticiário do mundo entendido”, com a finalidade de debater questões que afetavam a “comunidade gay” mundial e apresentar diferentes correntes do pensamento contemporâneo (Ribeiro Cordão, 2016).

A publicação contava com tiragem mensal, impressa pelo Círculo Corydon, com sede em São Paulo. O jornal alcançava leitores em diversas capitais brasileiras, consolidando-se rapidamente como referência para a comunidade.

O Círculo Corydon desempenhou papel central nesse contexto. A associação, que se descrevia como “filantrópica e cultural”, tinha cerca de dez mil associados e oferecia múltiplos serviços e departamentos. O nome faz referência ao personagem Corydon da mitologia grega, homenageado por poetas, e ao livro homônimo de André Gide, considerado uma obra pioneira na defesa da homossexualidade. Esse

histórico reforça o caráter simbólico e cultural da instituição, conectada a uma tradição de afirmação identitária (Ribeiro Cordão, 2016).

O jornal, por sua vez, buscava construir uma imagem positiva da homossexualidade, promovendo debates sobre direitos e conquistas da comunidade, além de incentivar a percepção da homossexualidade como algo natural e moderno, em sintonia com tendências observadas em outros países. Essa proposta atraiu especialmente o público jovem e possibilitou uma ampla difusão de suas ideias.

Essas iniciativas demonstram que, embora marginalizadas e de circulação limitada, houve esforços diversos e criativos para construir espaços de informação e debate para a comunidade homossexual no Brasil. Esse material merece atenção e investigação mais detalhada, pois revela trajetórias pouco conhecidas da imprensa gay e contribui para compreender a diversidade de estratégias de visibilidade e sociabilidade nas décadas de 1960 e 1970 (Péret, 2011).

AS REVISTAS GAYS DA DÉCADA DE 1990

Na década de 1980, observa-se uma grande ausência de materiais editoriais direcionados ao público gay. Nesse período, aparecem principalmente boletins vinculados a grupos de apoio a pessoas vivendo com HIV e uma única publicação voltada especificamente para mulheres lésbicas: o *ChanacomChana*, produzido pelo Grupo de Ação Lésbico-Feminista (Galf), que circulou entre 1981 e 1987 na cidade de São Paulo.

Após um período reconhecido pela escassez de periódicos voltados ao público homossexual, especialmente o masculino, somente em 1995 o cenário editorial brasileiro voltaria a apresentar uma revista de alcance nacional: a *Sui Generis*. Publicada pela SG Press⁵ e distribuída pela Fernando Chinaglia, uma das maiores distribuidoras do país, a revista não estava ligada diretamente a organizações do movimento, embora reunisse colaboradores que haviam participado dele.

A revista *Sui Generis* foi um marco no mercado editorial brasileiro ao oferecer um tratamento inovador na abordagem da cultura e do mercado gay no país e apostar em um discurso mais sofisticado e politizado, que buscava legitimar a presença da “comunidade gay” na sociedade sem a reduzir a estereótipos ou nichos marginalizados.

⁵ A SG Press, editora responsável pela publicação da *Sui Generis*, tinha sede em São Paulo e foi criada no contexto do lançamento da revista, em meados da década de 1990, inserindo-se no circuito editorial comercial paulistano e no emergente mercado voltado ao público GLS.

Produzida pelo grupo SG Press, que pertencia ao jornalista carioca Nelson Feitosa, a *Sui Generis* é considerada o principal acontecimento da imprensa gay brasileira pós-*Lampião da Esquina*. A revista abordava temas diversos, como cultura, moda e militância. A grande novidade, porém, era a maneira como o conteúdo era tratado, pois as matérias visavam, além do público gay, atrair também, leitores heterossexuais (Péret, 2011, p. 85).

Diferentemente das publicações anteriores, muitas delas restritas a circuitos comunitários e marcadas por linguagens internas, a revista apostou em uma estratégia inovadora ao buscar simultaneamente o público gay e leitores heterossexuais, ampliando seu alcance e propondo uma narrativa que articula cultura, moda, comportamento e militância. Essa aposta editorial indica menos uma ruptura absoluta e mais uma reconfiguração das formas de representação da homossexualidade no espaço público. Diferentemente da imprensa gay anterior, que frequentemente valorizava a subcultura bicha e tensionava os códigos de gênero de maneira mais antagônica, a *Sui Generis* investia em uma estética alinhada ao consumo, à sofisticação e à integração urbana, articulando visibilidade, mercado e cidadania (França, 2012). Nesse sentido, a *Sui Generis* não apenas refletiu transformações socioculturais da década de 1990, como também atuou como agente dessas mudanças, produzindo novos repertórios discursivos e estéticos que contribuíram para reposicionar a “comunidade gay” no imaginário midiático brasileiro.

Não se tratava de iniciar debates sobre direitos, que já eram abordados por publicações como o *Lampião da Esquina*, mas de apresentá-los em um formato editorial alinhado à lógica do mercado e a um ideal de respeitabilidade, associado à visibilidade social e à integração em espaços mais amplos de consumo e reconhecimento público (França, 2012).

A partir da análise realizada por Feitosa (2018), a revista *Sui Generis* é apresentada como um marco importante no campo midiático voltado ao público gay no Brasil dos anos 1990. O autor destaca que a publicação operava estratégias próprias de visibilidade, combinando referências internacionais e práticas jornalísticas que buscavam reposicionar a homossexualidade no espaço público. Essa visibilidade se construía tanto pela escolha editorial (temas, capas, colunas,) quanto pela forma como a revista dialogava com seus leitores, propondo-se como mediadora de identidades, estilos de vida e formas de participação social. Assim, *Sui Generis* articulava consumo, comportamento e política para produzir sentidos compartilhados sobre o que significava ser gay em um país em redemocratização.

Feitosa (2018) também evidencia que a revista atuava na construção de uma “comunidade imaginada” através de processos de

identificação, ao mesmo tempo em que revelava tensões próprias do período. A publicação oscilava constantemente entre ampliar a representação da homossexualidade e atender às expectativas do mercado editorial, enfrentando desafios como censura, instabilidade financeira e disputas internas sobre quais discursos deveriam ganhar espaço. Mesmo com essas contradições, a *Sui Generis* contribuiu para inserir pautas de interesse do segmento gay na esfera pública e para consolidar uma estética e um repertório discursivo que influenciaram iniciativas midiáticas posteriores, ampliando a visibilidade e o debate sobre diversidade sexual no Brasil.

O final dos anos 1990 marcou a entrada da revista *Bananaloca* no cenário editorial, uma revista que assumia um tom despretenso, experimental e ousado ao apostar no nu frontal masculino. Lançada em abril de 1997 pela Editora Fractal (SP), a publicação reunia na direção Ana Fadigas e Otávio Mesquita, além dos jornalistas Sérgio Lhamas e Paulo Negrão, que já haviam idealizado a plataforma digital BBS, uma espécie de antecessora dos *sites* atuais, que inspirou a versão impressa. O primeiro número foi vendido junto a um vídeo pornográfico gay, o que reforçava seu caráter provocativo. Ainda assim, a circulação enfrentou restrições impostas pelas distribuidoras, obrigando a revista a recorrer a truques gráficos: o pênis do modelo da capa aparecia suavizado por sombras, sem ereção, para contornar a censura.

O impacto comercial da *Bananaloca* demonstrou que havia um público consolidado para revistas de erotismo gay, especialmente com nudez explícita. Foi nesse contexto que a SG Press lançou, em junho de 1997, a revista *Homens* (Barbosa; Lantelme, 2007).

A revista *Homens*⁶ assumiu abertamente um perfil sexual, caracterizada por ensaios de nu masculino e conteúdos de forte apelo pornográfico. Ela surgiu, também, em resposta às demandas de leitores da *Sui Generis*, que solicitavam materiais voltados ao erotismo masculino, levando a editora a criar um produto específico para atender a esse público, sem comprometer a linha editorial da revista-mãe (Barbosa; Lantelme, 2007).

A revista *Bananaloca* passou a se chamar *G Magazine*, adotando uma proposta diferenciada, investindo em ensaios fotográficos de nu masculino protagonizados por celebridades, como artistas, atletas e modelos reconhecidos nacionalmente. Conforme observam Barbosa e

⁶ A revista *Playgay* também integrou o circuito de publicações eróticas voltadas ao público gay que circularam no Brasil, especialmente nos anos 1990. Apesar de sua inserção nesse contexto e de sua circulação comercial, a publicação permanece pouco estudada na bibliografia acadêmica, sendo mencionada de forma pontual em pesquisas sobre imprensa gay e mercado editorial, o que reforça a importância de investigações que ampliem o mapeamento dessas iniciativas.

Lantelme (2007), embora a proposta inicial tenha se mostrado promissora, tornou-se necessário reformular alguns aspectos da linha editorial, incluindo o próprio título da revista, considerado limitado para alcançar um público mais amplo e diversificado.⁷

Embora identificada pelo forte apelo visual, sua linha editorial incorporou entrevistas e reportagens sobre temas diversos, abordando questões como diversidade no ambiente escolar, relações familiares, autoaceitação, preconceito nas Forças Armadas, homofobia e a defesa da união civil entre pessoas do mesmo sexo. Assim, a revista construiu um discurso que dialogava com a luta por direitos e cidadania (Barbosa; Lantelme, 2007).

Dessa forma, a *G Magazine* ultrapassou a lógica meramente comercial ligada à exploração da sexualidade e se consolidou como um espaço de resistência cultural. Ao propor novas narrativas sobre afetividade, sociabilidade e pertencimento, a revista contribuiu para ampliar o repertório de representações gay na mídia, tensionando limites impostos pelos veículos hegemônicos e fortalecendo a construção de identidades historicamente marginalizadas (Péret, 2011).

No diálogo com a trajetória da imprensa gay no Brasil, é possível perceber como parte das publicações que surgem nos anos 1990 ocupa um lugar híbrido entre mercado e militância. Esse movimento fica evidente quando observamos o caso da *G Magazine*, cuja circulação ampla e forte apelo visual não se limitaram ao erotismo masculino. Como mostram Barbosa e Lantelme (2007), a revista incorporou, ao longo de suas edições, temas que atravessam debates centrais da “comunidade gay” e discussões sobre direitos civis. Esse deslocamento demonstra como, mesmo num produto editorial referido pela lógica do desejo, emergiram enunciados que tensionam as fronteiras entre visibilidade comercial e afirmação política, contribuindo para formas de reconhecimento até então ausentes na grande mídia.

Ao articular essas análises com o percurso da imprensa gay belo-horizontina que examino neste texto, fica evidente que revistas como a *G Magazine* não podem ser compreendidas apenas como espaços de consumo. Elas também precisam ser enfocadas como instrumentos que participam da construção de repertórios identitários e de disputas simbólicas. A leitura de Barbosa e Lantelme (2007) reforça esse entendimento ao mostrar que o erotismo, longe de ser um limite,

⁷ Para manter o vínculo com o público que havia se consolidado nos primeiros meses da revista, a equipe editorial da *Bananaloca* incluiu, em seu quarto número (julho de 1997), um encarte especial. Nele, apresentava-se uma capa intermediária entre a *Bananaloca* e a nova *G Magazine*, informando aos leitores que o produto passaria por uma reformulação e mudança definitiva de nome.

funcionou como linguagem estratégica para ampliar o alcance de pautas sobre cidadania e combater estigmas historicamente associados às sexualidades dissidentes.

A partir desse percurso, torna-se evidente que a imprensa gay dos anos 1990 não atuou apenas como vitrine de consumo ou espaço de entretenimento, mas como um campo complexo onde mercado, identidade e política se entrelaçaram de forma decisiva. Revistas como *Sui Generis*, *Bananaloca*, *Homens* e posteriormente *G Magazine* operaram em registros distintos, mas compartilhavam um mesmo horizonte: ampliar a visibilidade de experiências homoeróticas e tensionar fronteiras sociais em um país marcado por transformações culturais, disputas políticas e persistentes regimes de estigmatização.

Ao considerar esse conjunto editorial, observa-se que a imprensa gay desempenhou um papel central na construção de repertórios simbólicos que influenciaram tanto o movimento social quanto o modo como a sociedade brasileira passou a compreender a diversidade sexual ao fim do século XX.

A IMPRENSA GAY EM BELO HORIZONTE

Entre o final da década de 1990 e o início dos anos 2000, diversas publicações impressas surgiram na capital mineira, refletindo uma pluralidade de identidades, sociabilidades e experiências da “comunidade gay” local. Esse movimento editorial foi articulado e conduzido por grupos do movimento gay organizado, que mobilizaram seus próprios recursos, redes e estratégias para produzir conteúdos que expressassem suas demandas políticas, fortalecessem vínculos comunitários e ampliassem a circulação de informações. Assim, a imprensa local não apenas funcionou como um canal alternativo de comunicação, como também se tornou um instrumento fundamental na consolidação de espaços de segurança, empoderamento e luta por direitos civis no contexto mineiro, articulando mobilização política, visibilidade pública e construção identitária.

Em 1997, foi lançado o *Expressão GLS*, jornal produzido pela Associação Mineira GLS, ressaltando o esforço de organização comunitária e política daquele momento. Seu primeiro e único número, com tiragem de dez mil exemplares, apresenta uma crítica contundente às sociedades belo-horizontina e brasileira, que ainda marginalizavam pessoas homossexuais e lhes negavam direitos civis básicos, como o casamento e a adoção.⁸

⁸ Eram responsáveis pela edição os jornalistas Walter Sebastião B. Pinto e Marcus Vinícius da Silva. O editor–chefe foi Nilton de Freitas Miranda.



Figura 1. Capa do jornal *Expressão GLS*, nov. 1997.
Fonte: Acervo Especial LGBTI+ Cintura Fina.

A estética construída na primeira página do *Expressão GLS* não é apenas uma escolha visual, mas um marcador claro das formas de representar as sexualidades dissidentes naquele período histórico. A aposta em uma imagem de dois homens jovens, brancos, abraçados de maneira afetuosa, mas discreta, revela um enquadramento que buscava legitimar a homossexualidade masculina a partir de códigos próximos ao modelo heterocentrado de respeitabilidade.

Essa estratégia reforça uma homoafetividade domesticada, suavizada e palatável ao olhar normativo, evitando qualquer traço de desejo explícito, corporalidade dissidente ou expressões que pudessem desafiar os padrões de gênero vigentes. No entanto, essa limitação não deve ser lida apenas como um gesto conservador, mas como produto de seu tempo, uma vez que, nos anos 1990, a lógica GLS operava justamente nessa tensão entre visibilidade e aceitação social, buscando integrar a “comunidade gay” ao imaginário midiático por meio de discursos conciliadores e imagens menos disruptivas.

Assim, embora a capa revele a reprodução de modelos hegemonicamente masculinos e brancos, ela também expressa os limites e as possibilidades que estruturam as políticas de visibilidade da época, quando a luta por reconhecimento ainda precisava negociar com padrões heteronormativos para se fazer sobreviver no espaço público.

O editorial, escrito em tom sarcástico e irônico, denuncia diretamente o conservadorismo da cidade de Belo Horizonte, que historicamente

restringiu a livre expressão de sujeitos homoafetivos no espaço urbano. A crítica aponta não apenas para a repressão simbólica e moral, mas também para a desigualdade no acesso a direitos que, naquele contexto, eram naturalizados como exclusivos de pessoas heterossexuais. No primeiro e único exemplar, aparecem depoimentos de leitores que reforçam a necessidade de uma publicação para fortalecer a comunidade e ampliar a visibilidade das pautas do então chamado “público GLS”, oferecendo resistência à intolerância e às práticas discriminatórias ainda amplamente disseminadas na capital mineira.

Na página 3, o jornal publica uma entrevista com Tieta Presley, drag queen que conquistou espaço relevante na cena gay de Belo Horizonte por meio de sua atuação no programa *Silicone*, veiculado pela rádio Extra FM. A conversa aborda a recepção do público mineiro, os limites e as tensões em torno da aceitação social de identidades artísticas dissidentes e a forma como Tieta negocia sua persona drag com a vida pessoal. Seu relato sobre um relacionamento amoroso caracterizado pela dificuldade de assumir publicamente a parceria evidencia desafios vividos por muitas pessoas gay na época. A entrevista articula humor e crítica social, demonstrando como a performance drag opera simultaneamente como linguagem estética, estratégia política e forma de questionamento do padrão heteronormativo.

Na mesma página, o jornal publica um anúncio do Grupo de Apoio e Prevenção à Aids de Minas Gerais (Gapa-MG), solicitando apoio da comunidade na compra em lojas credenciadas que aderiram à Promoção Compra Premiada GAPA. A presença desse anúncio revela a centralidade do tema para o público gay nos anos 1990, período em que o HIV e a Aids eram considerados sinônimos, ainda marcados por forte estigma social e pela ausência de políticas públicas de prevenção eficazes. Em paralelo, o jornal focaliza o Projeto Horizonte, da UFMG, uma importante iniciativa de conscientização e prevenção que buscava produzir conhecimento e sensibilizar a população sobre práticas seguras do ponto de vista epidemiológico. Em um contexto em que viver a homossexualidade significava lidar simultaneamente com o medo da infecção e com a violência simbólica associada ao estigma, esses esforços mostravam-se essenciais para fortalecer redes de apoio e promover estratégias comunitárias de cuidado e resistência.

A página 4, dedicada à “Visibilidade Gay-Lesbo em BH”, constrói um panorama das sociabilidades GLS na capital mineira no final dos anos 1990, destacando a presença de frequentadores, artistas, jornalistas e figuras públicas como forma de legitimar a existência de uma cena organizada. A narrativa enfatiza a ideia de “tranquilidade” e “confiança”

nos ambientes GLS, mas ao mesmo tempo revela que essa visibilidade estava condicionada a performances heterocentradas, fixadas por expressões de masculinidade e feminilidade socialmente aceitáveis.

Esse enquadramento dialoga diretamente com o espírito da época, quando a sigla GLS ainda operava como estratégia de acomodação social, buscando suavizar tensões e reduzir estigmas ao incluir o “simpatizante” como mediador entre o universo gay e a heterossexualidade normativa. Embora o jornal se propusesse a ampliar a visibilidade, sua estética e sua narrativa reproduzem limites próprios do período, valorizando formas de expressão entendidas como menos disruptivas. Apesar dessas contradições, o jornal oferece um registro precioso das redes de sociabilidade e dos espaços de convivência que contribuíram para consolidar a cena gay em Belo Horizonte, revelando tanto os avanços quanto os limites de uma visibilidade ainda profundamente marcada pelos códigos e expectativas da década de 1990.

A presença de um texto “Manifesto Juventude Negra e Favelada” no *Expressão GLS* revela uma dimensão fundamental, e, à primeira vista, paradoxal, do projeto político-editorial da Associação Mineira GLS. Embora a estética e parte do discurso do jornal operem claramente dentro de uma lógica conciliadora da homossexualidade, marcada por imagens de respeitabilidade e pela busca de aceitação social, o conteúdo publicado explicita que essa conciliação não eliminava a atenção a pautas estruturais. O fato de um jornal voltado ao público gay, mais ainda, um jornal inscrito na lógica GLS, dedicar espaço a um manifesto sobre a juventude negra, favelada e o racismo estrutural, indica que parte do movimento gay belo-horizontino buscava construir alianças com outras agendas de luta. Assim, o *Expressão GLS* articula duas camadas discursivas que coexistiam nos anos 1990: de um lado, o investimento em uma imagem “aceitável” do sujeito gay para dialogar com a sociedade conservadora; de outro, a abertura para debates mais amplos sobre desigualdades sociais, opressões interseccionais e resistência política. Essa combinação mostra que, apesar de seus limites estéticos e históricos, o periódico não se restringia a uma agenda identitária despolitizada, mas reconhecia que a luta por cidadania gay estava conectada a outras formas de exclusão e violência que atravessavam a cidade e seus sujeitos.

O jornal também apresenta a cobertura sobre o “Coletivo de Mulheres do Seeb-BH”⁹, reforçando a ideia de que não se limitava a veicular temas estritamente ligados à homossexualidade masculina, mas buscava dialogar com outras frentes de mobilização social. Ao incluir

⁹ Coletivo de Mulheres do Sindicato dos Bancários de Belo Horizonte e Região.

uma pauta feminista, centrada nas desigualdades de gênero, na precarização do trabalho feminino e na luta por autonomia, o jornal demonstra que parte do movimento gay organizado de Belo Horizonte reconhecia a interdependência das lutas.

A articulação entre o debate racial, o debate feminista e a crítica à repressão de expressões dissidentes sugere que, apesar de sua estética normatizante e dos limites impostos pelo contexto dos anos 1990, o *Expressão GLS* operava como espaço de convergência de agendas progressistas.¹⁰ Assim, o periódico evidencia que as estratégias de visibilidade conviviam com uma dimensão política mais ampla, na qual gays, mulheres e juventude negra apareciam como sujeitos de resistência conectados pelas estruturas de exclusão que atravessavam a cidade e o país.

Três anos depois do *Expressão GLS*, foi lançado o *Jornal Informativo do Clube Rainbow de Serviços*¹¹. O clube tinha como objetivo ofertar informações, atividades e serviços voltados para a “comunidade gay”, integrando a rede de associações e coletivos que buscavam ampliar a visibilidade, o convívio e o acesso a direitos no contexto urbano belo-horizontino.

A edição de estreia foi publicada em julho de 2000, cujo editorial, atravessado por um discurso conciliador e voltado à integração, aposta na ideia de “serviços” como eixo estruturante, aproximando-se de um modelo de sociabilidade que combina lazer, consumo e apoio comunitário. Esta era uma lógica típica da cultura GLS dos anos 1990 e início dos 2000 (França, 2007).¹²

Embora a publicação se apresente como instrumento de enfrentamento ao preconceito e às discriminações cotidianas, a abordagem está ancorada em uma perspectiva que evitava o confronto político direto e privilegiava estratégias de aceitação social via mercado:

Em formato tabloide, o jornal era colorido, boa qualidade e tinha uma sessão (*sic*) voltada para a divulgação das casas noturnas, saunas e cinemas GLS. Além disso, Danilo abriu o “Bar Só Pra Nós”, que chamou de Centro de Convivência. Tratava-se, porém, de um espaço comercial, com música ao vivo e venda de bebidas alcoólicas. O bar foi fechado por determinação judicial e o proprietário foi alvo de várias ações trabalhistas por não pagar todos os direitos dos funcionários gays e lésbicas (Fonseca, 2020, p. 73).

¹⁰ A revista *Meeting* foi lançada alguns meses antes do *Expressão GLS*. Infelizmente, nossa análise não contemplou esse periódico que acompanha o tom editorial da *Sui Generis*. A *Meeting* teve apenas um número.

¹¹ Conseguimos localizar no acervo duas edições em 2000 e duas edições em 2001 (em cada semestre do ano). Em 2004, o Clube Rainbow lançou um jornal que ainda será analisado ao longo da pesquisa.

¹² O responsável direto pela publicação foi Danilo Ramos.

Como observa Carlos Magno, iniciativas como o *Jornal Informativo do Clube Rainbow de Serviços* e o Bar Só Pra Nós revelam de maneira aguda as contradições internas às formas de organização da “comunidade gay” em Belo Horizonte no início dos anos 2000. Embora o jornal buscasse consolidar um espaço de informação e convivência, articulando serviços, lazer e visibilidade, seu desdobramento na criação de um suposto “Centro de Convivência” destaca o limite dessa proposta. Longe de constituir um espaço comunitário, o bar operava a partir de uma lógica estritamente comercial, caracterizada pela venda de bebidas alcoólicas e pela exploração da mão de obra de trabalhadores gays e lésbicas. Como aponta Fonseca (2020), o fechamento judicial do estabelecimento e as ações trabalhistas movidas por seus funcionários expõem a tensão entre discurso de acolhimento e práticas que reproduzem desigualdades estruturais.



Figura 2. Capa do jornal *Clube Rainbow*, jul. 2000.
Fonte: Acervo Especial LGBT+ Cintura|Fina_

O caráter conciliador do grupo manifesta-se de forma clara na criação de uma marca de identificação destinada aos seus membros: uma rosa branca disposta sobre as cores do arco-íris. A proposta, dirigida a estabelecimentos comerciais que desejassem se vincular simbolicamente às pessoas gays, indica uma estratégia de aproximação com o mercado e de conformação a uma lógica de consumo emergente na época (França, 2007). Entretanto, como observa Fonseca (2020), essa tentativa de estabelecer alianças com o setor comercial produziu tensões significativas no interior do movimento, resultando no afastamento de coletivos que compreendiam

tal iniciativa como um desvio em relação às pautas políticas e às formas de mobilização mais tradicionais.¹³

A revista *Ego BH*, com tiragem de cinco mil exemplares, constitui uma das iniciativas mais expressivas de criação de um veículo de comunicação voltado especificamente para a “comunidade gay” de Belo Horizonte no final dos anos 1990. Lançada em junho de 1998, a publicação foi idealizada por Luiz Freitas, então garçom em diversos pontos GLS da capital e coproprietário do bar Aliás, que também assumiu o papel de principal patrocinador do projeto.¹⁴ Embora o texto de apresentação da edição inaugural anunciasse uma periodicidade quinzenal, essa meta não se concretizou; ainda assim, a revista obteve continuidade e ultrapassou a décima edição, demonstrando capacidade de adaptação e sobrevivência em um mercado editorial instável.¹⁵

A apresentação da *Ego BH*, publicada em seu primeiro número, revela de forma bastante explícita o projeto editorial da revista e o modo como ela buscava se posicionar em meio ao mercado GLS belo-horizontino. O texto mobiliza um discurso de crescimento econômico e demográfico da “comunidade gay”, fundamentado em estimativas de consumo, para legitimar a necessidade de um veículo direcionado a esse público. Tal estratégia, comum às publicações GLS nos anos 1990, reforça uma lógica de mercado que associa identidade sexual a potencial de consumo, articulando pertencimento comunitário e poder aquisitivo como elementos centrais de visibilidade.

A emergência do mercado GLS, especialmente a partir da década de 1990, esteve associada à expansão de estabelecimentos e produtos voltados a públicos dissidentes da heteronormatividade, e à constituição de novos espaços de sociabilidade e visibilidade. Nesse processo, o consumo passou a desempenhar um papel relevante na produção de pertencimentos e na consolidação de identidades coletivas, evidenciando as intersecções com o mercado no contexto urbano brasileiro (França, 2007).

O que chamamos hoje de “*Pink Money*” constituía-se naquele período em um conjunto de produtos, serviços, espaços e veículos de comunicação direcionados especificamente à “comunidade gay”. Mais do que responder a uma demanda preexistente, esse mercado contribuiu para a constituição de públicos, identidades e circuitos

¹³ Em 2002, o Clube Rainbow desempenhou um papel relevante na realização da Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte, mas sua atuação foi marcada por tensões com outros segmentos da organização. À época, a Parada rejeitava qualquer forma de patrocínio comercial e se posicionava contra a crescente influência do empresariado nas atividades do movimento, o que intensificou os conflitos internos.

¹⁴ O jornalista responsável foi Hélio Guimarães.

¹⁵ Conseguimos localizar vinte exemplares no Acervo Especial LGBTI+ Cintura Fina.

urbanos específicos, articulando consumo, cultura e reconhecimento social.

Ao mesmo tempo, o editorial busca romper com estereótipos que fixavam a representação social de homens gays, caracterizados, segundo o próprio texto, como “pervertidos”, exclusivamente interessados em pornografia, propondo a construção de uma nova imagem, a de sujeitos informados, consumidores de cultura, interessados em saúde, lazer e vida cotidiana. Essa operação discursiva expõe uma tentativa de reposicionamento simbólico dos públicos gay em Belo Horizonte, alinhando-se a tendências já observadas em revistas como *Sui Generis* e *G Magazine*.

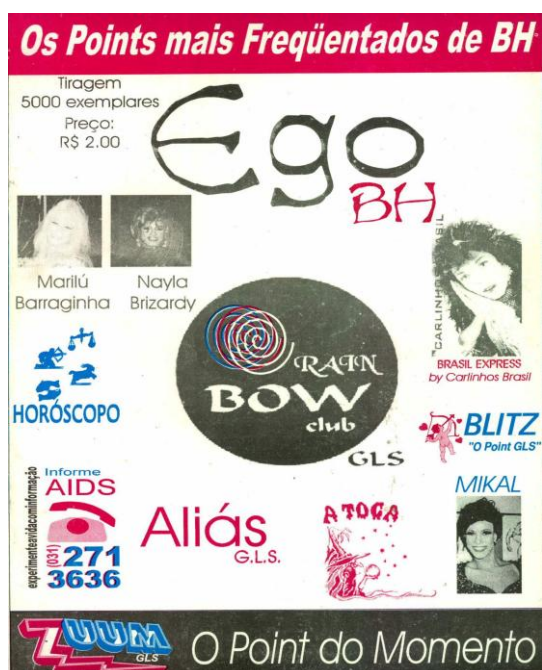


Figura 3. Capa da revista *EGO BH*, jun. 1998.
Fonte: Acervo Especial LGBTI+ Cintura Fina.

Com tiragem fixa de cinco mil exemplares, o periódico passou por um processo progressivo de qualificação visual, e suas edições finais, já impressas em cores, permitiram a inclusão de ensaios fotográficos e de um repertório imagético mais sofisticado. Essa evolução estética revela tanto a ambição de consolidar-se como veículo de referência quanto o papel estratégico que desempenhou na construção de espaços de visibilidade e afirmação identitária em um momento de expansão das mídias voltadas ao público GLS (Machado, 2007).

Este artigo não contempla a análise completa de todas as edições das publicações aqui mencionadas em virtude da extensão e diversidade do material produzido. É importante dizer que esta análise inicial integra um projeto de pesquisa mais amplo dedicado ao mapeamento e à compreensão da imprensa gay na capital mineira.

No acervo consultado, localizamos também a revista *Young Bee*, lançada em maio de 2000 e que teve apenas uma edição. A revista apresenta um projeto gráfico e discursivo fortemente ancorado na erotização do corpo masculino. A presença de fotografias de homens jovens e musculosos, anúncios de saunas e bares gays, bem como a escolha de ícones como Brad Pitt, recodificado como objeto de desejo, revela uma estética profundamente alinhada a um ideal de masculinidade hegemônica e hipersexualizada.

Essa aposta visual delimita o público pretendido pela revista, ao mesmo tempo em que ilumina um processo de normatização interna da própria comunidade, no qual determinados corpos tornam-se mais representativos e mais “aceitos” do que outros.

Destoando parcialmente do perfil geral da revista, o texto dedicado a Vandera Jones, faz sobressair o esforço do periódico em produzir narrativas de valorização de talentos locais. Ao destacar a trajetória da artista, a *Young Bee* não apenas reconhece figuras importantes da cena cultural de Belo Horizonte, mas também reforça uma estética fortemente ancorada na performance, no *glamour* e nas dinâmicas identitárias que estruturavam o universo GLS daquele período. Essa combinação entre reconhecimento comunitário e celebração de um imaginário visual e performático típico da época revela tanto os limites quanto as estratégias de afirmação cultural que marcaram a imprensa gay no final dos anos 1990.



Figura 4. Revista *Young Bee*, maio 2000, p 2-3.
Fonte: Acervo Especial LGBTI+ Cintura Fina.

A entrevista chama atenção para elementos recorrentes nas trajetórias de artistas transformistas, como a descoberta precoce da performance, o enfrentamento do preconceito, a busca por reconhecimento artístico e afetivo, bem como traduz uma experiência

que combina vulnerabilidade e resistência. Vandera é apresentada como figura multifacetada: estilista, performer, artista “andrógino” e personagem central da cena noturna mineira.

Suas respostas revelam tanto a precariedade das condições de trabalho das artistas transformistas quanto a força simbólica dessas performances na construção de uma presença pública dissidente. A revista, ao dedicar páginas inteiras à sua história e imagem, participa da legitimação de um circuito cultural GLS em Belo Horizonte, oferecendo uma vitrine que articula desejo, estética e identidade em um período ainda caracterizado por forte estigmatização.

Ao mesmo tempo, o modo como Vandera é representada em poses elaboradas, fantasias exuberantes e enquadramentos que privilegiam o corpo e o artifício, reforça os códigos visuais dominantes da época, que associavam a visibilidade gay sobretudo ao espetáculo e ao entretenimento noturno.

A presença, em uma mesma página da *Young Bee*, de um texto educativo sobre HIV/Aids ao lado de anúncios de saunas e bares GLS revela uma dinâmica característica das publicações voltadas para o público GLS no final dos anos 1990 e início dos anos 2000. Por um lado, o periódico desempenha uma função social relevante ao veicular informações de prevenção, sintomas e cuidados básicos relacionados ao HIV, em um momento ainda profundamente marcado pelo estigma, pela desinformação e pela insuficiência das políticas públicas. Por outro, esses conteúdos convivem com anúncios de espaços de sociabilidade centralizados no lazer noturno, no erotismo e na cultura corporal, compondo um cenário em que mercado, saúde e prazer não são tratados como esferas contraditórias, mas como dimensões interdependentes da experiência gay naquele contexto.

Essa justaposição evidencia tanto a heterogeneidade da imprensa gay quanto a necessidade de equilibrar interesses comerciais, demandas comunitárias e práticas de cuidado. Ao mesmo tempo, revela uma compreensão ampliada da prevenção, que não se restringe ao discurso biomédico, mas se articula ao cotidiano da vida gay urbana em seus circuitos afetivos, seus riscos, seus desejos e suas redes de apoio.

Ao considerar conjuntamente o *Expressão GLS*, o *Jornal Informativo do Clube Rainbow de Serviços* e, as revistas *Ego BH* e *Young Bee*, torna-se possível compreender como, entre o final dos anos 1990 e o início dos 2000, a imprensa gay de Belo Horizonte operou articulando visibilidade, consumo, redes comunitárias e disputas políticas. Cada uma dessas iniciativas, à sua maneira, buscou

preencher lacunas de representação e criar espaços de circulação simbólica para gays e lésbicas em uma cidade ainda marcada pela forte normatividade sexual e pela ausência de políticas públicas específicas.¹⁶

O *Expressão GLS* aparece como esforço inicial de politização e denúncia das violências estruturais, enquanto o *Jornal Informativo do Clube Rainbow de Serviços* investe em um modelo de sociabilidade ancorado na prestação de serviços e na aproximação com o mercado. Já a *Ego BH* e a *Young Bee* consolidam um horizonte estético e discursivo que combina pertencimento local, erotização, entretenimento e práticas de informação, influenciados pelas lógicas do consumo e da cultura urbana.

Em conjunto, esses periódicos revelam tanto as possibilidades quanto os limites da sigla GLS como projeto de identidade coletiva naquele período em que, ao mesmo tempo que ampliou a visibilidade e fortaleceu redes de sociabilidade, também reproduziu hierarquias internas, negociou padrões normativos de representação e tensionou diferentes concepções de militância.

Essas publicações configuram, assim, um capítulo fundamental da história da imprensa gay em Belo Horizonte, constituindo fontes privilegiadas para a compreensão das formas de sociabilidade, dos processos de visibilidade e das dinâmicas culturais associadas às dissidências sexuais na cidade, além de representarem documentos essenciais para a preservação da memória histórica da população LGBTQIA+.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de jornais e revistas selecionados no Acervo Especial LGBTI+ Cintura Fina confirma a centralidade desse campo documental para compreender a historicidade das sexualidades dissidentes no Brasil. Como discutido na introdução, ao tomarmos a imprensa não apenas como fonte, mas como produto cultural situado, torna-se possível reconhecer que jornais, revistas e informativos criados por e para a “comunidade gay” operaram como dispositivos de visibilidade, produção de memória e disputa simbólica.

Cada publicação examinada neste artigo ilustra formas distintas de construir narrativas sobre identidade, consumo, cidadania e pertencimento, refletindo não apenas as condições históricas de seu

¹⁶ Dois importantes documentos ficaram para análise na segunda fase da pesquisa: a revista *Meeting* e o boletim *Libertos*. Essas duas experiências serão analisadas nas pesquisas que estão sendo feitas pelo Observatório LGBTQIA+ na UFMG.

tempo, mas também os limites e as possibilidades de expressão que atravessavam a comunidade.

No percurso mais amplo da imprensa gay no Brasil, desde o *Snob* na década de 1960, passando pelo *Lampião da Esquina* nos anos finais de ditadura e pela emergência de revistas como *Sui Generis* e *G Magazine* nos anos 1990, observa-se uma constante reinvenção de estratégias comunicacionais, que respondem às transformações políticas, culturais e econômicas de cada período. Os materiais produzidos em Belo Horizonte acompanham essa trajetória, ressaltando tanto a articulação com movimentos organizados quanto a crescente influência do mercado GLS, o que resulta em projetos que conciliam militância, entretenimento e disputas internas sobre modos de representação e legitimidade.

A documentação analisada demonstra que, muito além de registrar acontecimentos, essa imprensa atuou como uma tecnologia social de criação de redes, circulação de códigos culturais, fortalecimento de identidades e resistência ao estigma. Os impressos não apenas deram visibilidade a artistas, militantes, espaços de sociabilidade e pautas políticas, mas também constituíram repertórios estéticos e discursivos que moldaram as experiências dissidentes da heteronormatividade na capital mineira.

Diante disso, a preservação do Acervo Especial LGBTQ+ Cintura Fina revela-se fundamental. Ele abriga materiais frágeis, dispersos e muitas vezes produzidos de forma artesanal, cujo risco de desaparecimento comprometeria a compreensão de uma parte significativa da história cultural e política da comunidade LGBTQIA+ em Minas Gerais. A continuidade da catalogação, conservação e disponibilização pública desse acervo garante não apenas o acesso às fontes, mas também o reconhecimento das trajetórias e experiências que durante décadas foram silenciadas ou marginalizadas.

A opção pelo uso da sigla LGBTQIA+ em nossas pesquisas está relacionada à sua adoção no campo das políticas públicas e na produção institucional contemporânea, onde funciona como categoria abrangente de reconhecimento e garantia de direitos. Embora se reconheça que essa nomenclatura não corresponde necessariamente aos termos e formas de identificação em uso no período histórico analisado, sua utilização justifica-se por permitir o diálogo com os marcos normativos atuais e com o campo das políticas públicas, além de contribuir para situar essa discussão no horizonte mais amplo das lutas pelo direito à memória.

Por fim, vale renovar a informação que este artigo apresenta apenas um recorte inicial de uma pesquisa em andamento, que pretende analisar de forma mais abrangente as múltiplas camadas da imprensa gay de Belo Horizonte. Ainda há diversos títulos, edições e produções independentes que merecem investigação cuidadosa, ampliando o entendimento sobre como diferentes gerações construíram suas próprias formas de expressão, resistência e pertencimento. Preservar e estudar esse conjunto documental é, portanto, uma tarefa essencial para a construção de uma memória coletiva que reconheça a pluralidade e a profundidade das vivências LGBTQIA+ ao longo do tempo.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Cristóvão Alvarenga; LANTELME, Lenise. A revista *G Magazine* e seu discurso textual a favor dos direitos do público GLBT. *Revista Científica da Faminas*, Muriaé, v. 3, n. 1, p. 45-67, jan./abr. 2007. Disponível em: <https://periodicos.faminas.edu.br/index.php/RCFaminas/article/view/185/164>. Acesso em: 10 set. 2025.

COSTA, Rogério da Silva Martins da. Sociabilidade homoerótica e relações identitárias: o caso do jornal *O Snob* (Rio de Janeiro, década de 1960). *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 61-92, mar. 2010. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2059/1611>. Acesso em: 15 out. 2025.

FAOUR, Rodrigo. *A audácia dos invertidos: as estratégias de sobrevivência e visibilidade LGBTI+ no Rio de Janeiro e sua importância no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 2025.

FEITOSA, Ricardo Augusto de Sabóia. “Sui Generis” Journalism? Visibility, Identities and Journalistic Practices in a 1990s Brazilian Gay Magazine. *Brazilian Journalism Research*, Brasília, v. 14, n. 1, p. 76-107, abr. 2018. Disponível em: https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/1046/pdf_1. Acesso em: 20 nov. 2025

FONSECA, Carlos Magno Silva. *Entre a militância e a gestão pública: contribuição dos movimentos sociais na construção das políticas públicas para LGBT na cidade de Belo Horizonte/MG*. 2020. Dissertação (Mestrado em Estado, Governo e Políticas Públicas) - Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2020.

FRANÇA, Isadora Lins. *Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

FRANÇA, Isadora Lins. Sobre “guetos” e “rótulos”: tensões no mercado GLS na cidade de São Paulo. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 28, p. 227-255, jan./jun. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/gvCqdNDfthJJhrLyf8V5mDL/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 24 fev. 2026.

GREEN, James N. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2019.

MACHADO, Frederico Viana. *Muito além do arco-íris: a constituição de identidades coletivas entre a sociedade civil e o Estado*. 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

MARQUES DE MELO, José. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Ed. Mantiqueira, 2003.

PÉRET, Flávia. *Imprensa Gay no Brasil*. São Paulo: Publifolha, 2011.

QUINALHA, Renan. *Lampião da Esquina na mira da ditadura hetero-militar de 1964*. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 48, p. 1-17, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/issue/view/1864>. Acesso em: 6 dez. 2024.

RIBEIRO CORDÃO, Vinicius Ferreira. A imprensa gay do Círculo Corydon em prol da cidadania homossexual. XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo, 2016. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2593-1.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2022.

WEBER, Daniela Maria. Metodologia para pesquisa em imprensa: experiências através d'O *Paladino*. *Signus*, Lajeado, ano 33, n. 1, p. 9-21, 2012.

Jezulino Lúcio Mendes Braga: Professor do curso de Museologia da Escola de Ciência da Informação/UFMG. É doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, com período de formação na Universidade Autônoma de Barcelona. Atualmente está cursando pós-doutorado no Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPG-PMUS-UNIRIO). Suas pesquisas concentram-se na constituição histórica de acervos, nas práticas colecionistas e nos processos de formação e institucionalização de museus, investigando as relações entre cultura, memória e produção de narrativas sobre o passado. É coordenador do Observatório LGBTQIA+ do curso de museologia/UFMG.

Texto recebido em: 20/12/2025

Texto aprovado em: 23/03/2026